

## **Grupo Interinstitucional Queixa Escolar – GIQE: histórico e características**

Vários integrantes do Grupo

O Grupo Interinstitucional Queixa Escolar, o GIQE, é uma rede informal e autogestionada de psicólogos de instituições públicas, privadas e de terceiro setor. São profissionais comprometidos com o avanço de teorias e práticas de atendimento psicológico, que consideram a dimensão social da constituição das subjetividades de maneira radical. Portanto, levam em conta características e funcionamentos escolares na investigação e na intervenção em situações de queixa escolar, ou seja, dificuldades e sofrimentos no processo de escolarização de indivíduos para os quais o trabalho do psicólogo é demandado, dentre outros fatores de ordem coletiva.

No Brasil, desde a década de 1970 emergiu e ganhou espaço uma mudança paradigmática na compreensão do processo de produção das queixas escolares. Até então, estas vinham sendo entendidas como problemas centrados em dificuldades ou deficiências dos próprios alunos e/ou de suas famílias. Tal entendimento relacionava-se diretamente a preconceitos em relação a comunidades pobres, que constituíam a maioria da população brasileira, aprofundados quando se tratava de pessoas negras. Atribuía-se a supostas deficiências intelectuais dos alunos, medidas por instrumentos que não levavam em conta sua cultura e modo de vida, relações de poder que promoviam sentimentos de humilhação social nesta população, fazendo com que desempenhassem aquém de suas possibilidades e outras inadequações destas ferramentas de medida de capacidade de aprendizagem. Suas famílias eram tidas como incapazes para o amor filial e para promover um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e afetivo. Esta imagem era construída socialmente por meio, por exemplo, da divulgação de estereótipos negativos dos pobres e negros pela mídia e de pesquisas com problemas metodológicos os quais tendiam a dar resultados que confirmavam preconceitos.

A partir, principalmente, do trabalho de um grupo de pesquisadores que tem Maria Helena Souza Patto como um de seus expoentes, a escola, com seus funcionamentos, relações e práticas, passa a ocupar o cenário da produção do fracasso escolar. De mero lugar no qual emergiam dificuldades que nada tinham a ver com ela, passa a ocupar lugar central nas pesquisas sobre a produção do fracasso escolar. Constroem-se as bases para novas práticas da Psicologia no encontro com a Educação, que passam a ter na escola seu foco principal. No início do Século XXI, podemos verificar seu desenvolvimento consultando Anais de eventos de Psicologia Escolar e Educacional, como os dos CONPEs<sup>1</sup>.

No entanto, o vigoroso desenvolvimento desta Psicologia Escolar crítica que, dentre outros aspectos, leva em conta o papel das instituições (principalmente a

---

<sup>1</sup> Congressos Nacionais de Psicologia Escolar e Educacional, promovidos pela Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional - ABRAPEE

escola) e da cultura (como os preconceitos sociais) na produção das queixas escolares, fazia-se pouco presente no campo dos atendimentos psicológicos de crianças, adolescentes e até adultos que chegavam aos psicólogos com queixas escolares. Seguiu-se excluindo a escola da rede de relações que produz a queixa escolar e culpabilizando a criança e sua família por ela. Trabalhava-se, desse modo, na contramão da transformação do sistema escolar na busca de uma Educação de qualidade e emancipadora.

## **O início do GIQE**

Psicólogos críticos vinham inventando novos modos de atender a queixas escolares coerentes com sua perspectiva teórica, mas de modo isolado. Porém, muitos tinham notícias uns dos outros.

A necessidade e oportunidade de constituir uma rede que congregasse, de modo mais sistemático, estes e outros profissionais que partilhassem as mesmas preocupações e construções eclodiu em 2004. Neste ano, aconteceu I Encontro Interinstitucional de Atendimento Psicológico à Queixa Escolar, na Universidade de São Paulo. Foi um evento pequeno e breve, mas extremamente potente, pois foi o nascedouro de uma articulação que deu e dá muitos frutos até os dias atuais.

A partir deste encontro, um grupo de profissionais passou a reunir-se regularmente, em torno do objetivo de *avançar na construção e no fortalecimento de teorias e práticas de atendimento psicológico, incorporando a investigação do processo de escolarização na compreensão da constituição das subjetividades*, como consta em seu site<sup>2</sup>. Como objetivos específicos, no mesmo endereço eletrônico encontramos o seguinte:

- *Consolidar a compreensão de que todo e qualquer atendimento deve incorporar a pesquisa da vida escolar como dimensão longa e significativa da experiência dos sujeitos humanos, e que traz, portanto, importantes implicações para a constituição de suas subjetividades.*
- *Favorecer novas propostas de intervenção e fortalecer práticas condizentes com nossos princípios;*
- *Articular profissionais que se interessam pelo tema a partir de referencial teórico-prático sólido, que fundamente a intervenção;*
- *Contribuir para o avanço de sistemas, redes, movimentos e instituições nas áreas de Saúde Mental, Educação, Desenvolvimento Social, entre outros.*

Desde então, o Grupo foi crescendo, consolidando-se e ganhando reconhecimento na categoria dos psicólogos e para além dela. Passou por fases diversas em número de adeptos e no perfil destes. Inicialmente composto quase que apenas por acadêmicos, diversificou-se, combinando profissionais inseridos em diferentes tipos de instituições (universitárias; serviços públicos de Educação, de Educação e de Assistência Social,

---

<sup>2</sup> O site de 2015, quando foi escrito esse texto, não existe mais. Foi substituído em 2017 por <https://www.queixaescolargiqe.com> (obs. de 2020)

terceiro setor e outros) e alguns estudantes de Psicologia. Cresceu também em abrangência geográfica: embora a grande maioria de seus membros seja da Grande São Paulo, onde nasceu, realiza suas reuniões presenciais e desenvolve quase todas as suas ações, conta com participantes de outras regiões do Estado de São Paulo e de outros Estados, como Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Norte.

### **Funcionamento habitual: trabalho, estudo e afeto**

As reuniões presenciais regulares são mensais e há uma lista de e-mails<sup>3</sup>, bastante ativa, que inclui todos os membros. Nela, trocam-se informações e notícias de acontecimentos, divulgam-se cursos e eventos científicos, indicações de leituras e links interessantes, discutem-se questões e ações do Grupo, organizam-se tarefas e tomam-se decisões emergenciais. Seus membros apoiam-se mutuamente com opiniões e orientações sobre temas pertinentes ao Grupo e são feitas indicações de profissionais a quem do Grupo pede. Tudo acontece envolto em uma atmosfera bastante afetuosa, que inclui parabéns a aniversariantes e manifestações de solidariedade a quem passa por situações dolorosas.

Esta afetividade também está presente nas reuniões presenciais, que marcam e cultivam seu caráter de encontro humano. Seus frequentadores trazem sempre comidinhas e sucos, algumas feitas com carinho por eles próprios, além de haver uma tradicional comemoração de final de ano com amigo secreto de chocolate.

Nestas reuniões, trabalha-se intensamente. Discutem-se e planejam-se ações do grupo, organizando tarefas, além de avaliar e planejar o seguimento das que precisam ser continuadas. Circulam e são discutidos informes sobre participações de membros e representantes do Grupo em diversas articulações com outras entidades, instituições e movimentos sociais, de modo que o caráter coletivo é sempre cuidado nas atuações individuais de seus participantes.

Os estudos e o aprofundamento de conteúdo e fundamentos teóricos e técnicos de temas emergentes ou do interesse dos membros está presente, nas discussões de ações. Bimestralmente, a maior parte da reunião tem caráter de grupo de estudos: recebe-se um(a) convidado(a) especialista para discutir um tema eleito. O grupo prepara-se para esse encontro realizando a leitura prévia de um ou mais textos indicados pelo(a) especialista. Estudar é uma marca importante do GIQE, que funciona como um centro de formação continuada, cuidando da qualificação dos trabalhos e das invenções de todos, em busca de seus objetivos.

### **Estrutura horizontal, autogestionada e flexível: opção por diversidade e liberdade**

Esta organização ocorre dentro de uma experiência social de estrutura e funcionamento em rede horizontal, sem cargos ou estatuto, apenas com regras mínimas que podem ser alteradas a qualquer momento que o Grupo entender que precisam, para potencializá-lo. Entende-se que as regras têm de servir às pessoas e

---

<sup>3</sup> Atualmente (2020) substituída por uma lista de WhatsApp

não o inverso. Quando (fato raro) precisa-se de dinheiro, seus membros cotizam-se para consegui-lo, sem qualquer obrigatoriedade.

O GIQE não tem existência legal formal, o que gera algumas dificuldades: não há sede, biblioteca, secretária, telefone e outros itens de infraestrutura física. As reuniões acontecem geralmente no Sindicato dos Psicólogos de São Paulo, parceiro de longa data, mas também podem ser na sede de outras entidades ou instituições parceiras ou (muito raramente) em um imóvel particular de seus membros.

Esta forma de existir, uma opção consciente, afirma a um modo de funcionar que busca a construção de um mundo em que a diversidade seja possível e as singularidades contempladas, com sua flexibilidade não homogeneizadora. A inexistência de cargos formais e a horizontalidade favorece a responsabilidade coletiva e a cada um ser e perceber-se importante, contrapondo-se ao cultivo de vaidades e poderes opressores. Há lugar para cada participante ir inventando seu modo singular de estar no grupo, que pode mudar sem tempo determinado para tal. Faz-se, assim, uma experiência que tende a produzir uma humanidade solidária e diversificada, contrariamente ao que ocorre em uma estrutura social hierárquica e autoritária.

A busca perene de constituir espaços que respeitem as necessidades e possibilidades reais promove e alarga rachaduras em engessamentos. Assim, por exemplo, inventou uma revista eletrônica (publicações) que está em seu site, a qual rompe com as delimitações das mídias convencionais de divulgação de informações e reflexões de psicólogos envolvidos com Educação. Há lugar para diversas linguagens: textos científicos e literários, vídeos, desenhos e o que mais for publicável em um site. Os textos científicos não têm limitação de tamanho: cabe o que é aceito pelas revistas acadêmicas e também o que é rejeitado por ser muito longo ou muito curto. Há, no entanto, cuidados com qualidade e pertinência, tomados por uma Comissão Editorial que seleciona e orienta as propostas.

Com esse desenho e história, muito se construiu e, apesar da informalidade, o GIQE é conhecido e reconhecido na categoria dos psicólogos e fora dela. Alguns exemplos disto são: o convite do Conselho Federal de Psicologia a se fazer representar na cerimônia de abertura do congresso comemorativo dos cinquenta anos da profissão; a indicação, enquanto Grupo, para compor a comissão organizadora e mesas de trabalhos de eventos na Câmara Municipal de São Paulo e o convite do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo para participar de seus Grupos de Trabalho de Educação e de Psicologia e Negritude.

### **Conhecimento e ativismo: dos aprimoramentos individuais às políticas públicas**

Quanto ao aspecto formativo e de desenvolvimento de modos críticos de pensar e atuar do psicólogo frente a dificuldades no processo de escolarização, ao longo de seus mais de dez anos de existência o GIQE promoveu mais três Encontros Interinstitucionais de Atendimento Psicológico à Queixa Escolar, além do primeiro, em que se constituiu. Temas coerentes com sua concepção básica do ser humano como

ser social e comprometidos com a construção de avanços teórico-técnicos dos psicólogos que atendem dificuldades na vida escolar foram sempre abordados. São temáticas como: racismo na Educação e atuação do psicólogo, diversidade sexual na Educação, atuação junto a educadores, Educação de crianças com Transtornos Globais de Desenvolvimento<sup>4</sup>, medicalização da Educação, experiências educativas inovadoras e políticas públicas em Saúde e Educação.

Além disso, participou da realização de diversos outros eventos e realizações de cunho científico, em parceria com várias entidades e instituições. Assim, organizou junto com o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo a coletânea “Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos”, publicação pioneira e referência no tema. Este livro teve seu projeto criado pelo grupo que foi o embrião do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade, movimento social de abrangência nacional<sup>5</sup>. Esteve presente, ainda, na organização e nos trabalhos de diversos Seminários, como “Bullying???” e “Violência escolar” na Câmara Municipal de São Paulo, em todos os Seminários Internacionais “Medicalização da Educação e da Sociedade” (três) e outros.

A partir de sua concepção transformadora e consciente dos determinantes sociais dos sofrimentos e dificuldades nos processos de escolarização, não se restringe à construção de avanços na Psicologia voltada aos atendimentos a queixas escolares. Tem se caracterizado por um intenso ativismo político, coerente com seus anseios de mudança social. Assim, tem participado, em estreita parceria com outras entidades de Psicologia e outras áreas, da formulação de políticas públicas. Alguns exemplos deste tipo de atuação: participou dos trabalhos de elaboração dos Planos governamentais de Educação dos âmbitos Municipal de São Paulo e Federal e da elaboração de documentos de subsídio e intervenções junto à Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, alertando sobre a necessidade de revogar protocolos medicalizantes adotados por esse órgão e sugerindo alternativas. Outro exemplo é sua atuação, em conjunto com outras entidades, junto às instâncias parlamentares Estadual e Municipal de São Paulo, para propor, modificar ou impedir a aprovação de Projetos de Lei, visando melhorias e barrando retrocessos na Saúde e na Educação da população.

A causa antimedicalizante é especialmente cara ao Grupo, que é um dos fundadores do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. Este movimento social tem sido de fundamental importância nos avanços conquistados no Brasil nesta questão. Tem sido muito importante na produção e divulgação de subsídios teórico-práticos a psicólogos escolares críticos e a entidades, instituições e grupos organizados em que estes profissionais atuam.

---

<sup>4</sup> Atualmente (2020) designados como Transtornos do Espectro Autista - TEA

<sup>5</sup> Para mais informações, consultar <http://medicalizacao.org.br>

## **Considerações finais**

Esperamos ter oferecido uma ideia clara do modo de constituição, funcionamento, realizações e objetivos desse coletivo, que se iniciou movido pela necessidade de ampliar a representação social da Psicologia Escolar entre psicólogos, promovendo sua integração à área clínica.

É recorrente a ideia de que a Psicologia Escolar é apenas uma aplicação da ciência psicológica para a atuação em instituições escolares. O GIQE nasce da necessidade, de formadores de futuros psicólogos e também pesquisadores, de transcender esta falsa restrição. Percebiam a Psicologia Escolar como área de conhecimento fundamental para profissionais que procuram responder às demandas de atendimento psicológico a queixas escolares no contexto da clínica, da Saúde Mental.

A diversificação de inserções institucionais que ocorreu na composição do Grupo possibilitou a compreensão de que os conhecimentos oriundos da área Escolar são importantes de uma maneira muito mais ampla. Evidenciou-se a relevância de se considerar os efeitos, as determinações, os atravessamentos da experiência escolar na própria constituição subjetiva dos seres humanos contemporâneos, quase universalmente escolarizados no Brasil. Mesmo quando não o são, este fato costuma ter consequências dramáticas a serem levadas em conta. Falamos desta experiência não apenas do lugar de estudante, mas dos de todos os atores do drama escolar: pais, educadores e outros.

Assim, o GIQE participa da construção de uma Psicologia Escolar crítica que se afirma como área de conhecimento e práticas fundamental à formação dos psicólogos. E que pode, ainda, subsidiar quem mais se envolva com a Educação em uma perspectiva transformadora.

São Paulo, 29 de setembro de 2015